

Agroforum

Revista da Escola Superior Agrária de C. Branco

N. 21,

ANO 16

2008

Preço: 1€



anos
1983 • 2008



CAPA: Casa Amarela - Escola Superior Agrária de Castelo Branco

Publicação Semestral

Ano 16, nº 21
Dezembro, 2008

Director

António Moitinho Rodrigues

Editor, Redacção e Sede

Escola Superior Agrária do
Instituto Politécnico de C. Branco
Quinta da Srª de Mércules
6001- 909 CASTELO BRANCO
Telef.: 272339900
Fax.: 272339901
Email: tmlc@esa.ipcb.pt
mroliveira@esa.ipcb.pt

www.esa.ipcb.pt

Conselho Redactorial

Teresa Marta Lupi O. Caldeira
Maria do Rosário L. G. Oliveira

Concepção e execução gráfica

Tomás Monteiro

Impressão e Acabamentos

Serviços Gráficos IPCB

Tiragem

500 exemplares

Depósito Legal nº 39426/90

ISSN: 0872-2617

As teorias e ideias expostas no presente número são da inteira responsabilidade dos seus autores. Tudo o que compõe a revista pode ser reproduzido desde que a proveniência seja indicada.

Agroforum

Revista da Escola Superior Agrária de Castelo Branco

SUMÁRIO

5	Escola Superior Agrária de Castelo Branco 1980 - 2008 <i>Vergílio António Pinto de Andrade</i>	
	A criação Legislativa	11
15	Os primeiros docentes do triénio 1983/1987	
	Os primeiros alunos formados	23
39	13 de Dezembro de 2008 - Programa	

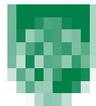
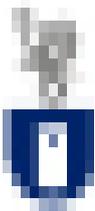


A Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESACB) comemora este mês de Dezembro um quarto de século sobre o início das suas actividades lectivas. Sendo a Escola mais antiga do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB), as comemorações assinalam também a primeira aula leccionada pelo Instituto, Instituição de ensino superior criada em Castelo Branco, que muito contribuiu para o desenvolvimento local e regional. O IPCB e a ESACB foram criados no papel em 26 de Dezembro de 1979. Só em Dezembro de 1983 foi possível dar início às aulas. Foram 64 os estudantes, pertencentes aos cursos de bacharelato em Produção Agrícola e em Produção Animal, que se sentaram pela primeira vez nos bancos desta Escola. Desde essa altura um longo caminho foi percorrido, muitas dificuldades foram ultrapassadas e muitos estudantes, cerca de 2500, concluíram os seus cursos.

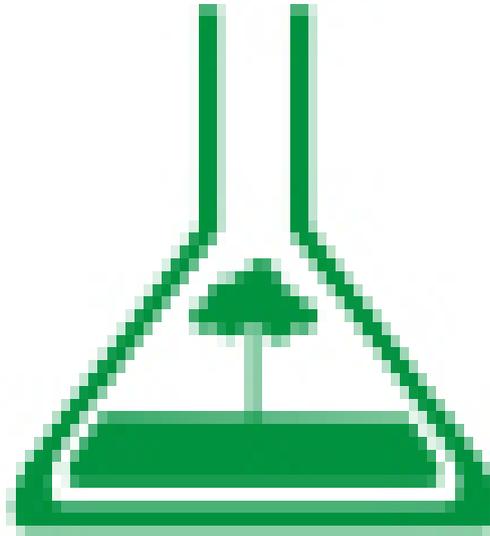
Ao comemorarmos esta data, pretendemos homenagear todos os que, de alguma forma, contribuíram para o que a ESACB e o IPCB são hoje. Pretendemos relembrar os bons e os maus momentos, os docentes, os não docentes e os estudantes que por cá passaram. No entanto, não podemos esquecer aquele que com tenacidade, competência e espírito empreendedor, ultrapassando dificuldades incessantes, deu início a todo este processo. Ao Prof. Vergílio António Pinto de Andrade agradeço o que fez. O depoimento que nos apresenta nesta revista retrata fielmente as dificuldades que foram ultrapassadas e a evolução da obra que foi necessário fazer para sermos aquilo que somos hoje.

Como Director, agradeço a todos os que contribuíram com o seu esforço, trabalho e dedicação para a nossa grandeza. Uma palavra especial à Comissão Organizadora pelo excelente trabalho que fez no âmbito da preparação destas comemorações.

Faço votos para que continuemos no caminho traçado com uma Escola Unida, Forte, Rigorosa, Competente e disposta a enfrentar os desafios do IPCB do futuro.



Faculdade de Ciências Agrárias
e Veterinárias



APOIO À COMUNIDADE

ANÁLISES LABORATORIAIS

- Exames Microbiológicos e Parasitológicos
• Alimentação para Animais e Humanos
• Leites e Outros Produtos Alimentares
- Protecção Vegetal - Microbiologia - Toxinas e
Alérgenos - Plantas - Animais - Óleos e Gorduras

www.eca.ipcb.pt

Escola Superior Agrária

Rua da Mitra, 3030030 - Alameda da Universidade das Ciências Agrárias e Veterinárias
Tel. 234400000 - Fax 234400000 - Email eca@ipcb.pt

ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE CASTELO BRANCO

Vergílio António Pinto de Andrade⁽¹⁾



1. A Direcção da Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESACB) decidiu comemorar os 25 anos passados sobre o início das aulas em Dezembro de 1983.

Recordar alguns factos que marcaram a vida da ESACB nesse quarto de século, é uma forma de contribuir para o “historial” da Escola e homenagear todos os que, com o seu empenhamento e competência, permitiram transformar “um sonho” na pujante realidade em que esta Escola Superior se transformou.

Em 1979, por Despacho do Secretário de Estado do Ensino Superior de 2 de Fevereiro, foi nomeada uma Comissão para elaborar estudos de viabilidade de implantação de uma Escola Superior Ramo Agrário e definir o tipo de cursos a serem nela ministrados, com vista a poder ser incluída para financiamento do 2.º empréstimo do Banco Mundial, no domínio da Educação.

Fomos responsáveis por grande parte desse Estudo e vimos, com satisfação, que tanto o Ministério da Educação, como os Técnicos do Banco Mundial o acharam valioso e pertinente, tendo merecido a sua aprovação e a garantia de financiamento.

2. Em 26 de Dezembro de 1979 (D.L. 513 T/79), foi criado o Instituto Politécnico de Castelo

Branco, com uma Escola Superior Agrária e uma Escola Superior de Educação.

Tanto uma como a outra foram incluídas em projectos de educação financiados pelo BIRD.

Só passado quase um ano, mais precisamente em 28 de Outubro de 1980, foram empossadas as Comissões Instaladoras.

A Comissão instaladora da ESACB era constituída pelo Prof. Vergílio António Pinto de Andrade, como Presidente, o Eng.º Leonel Coelho de Magalhães e o Dr. António Manuel Pardo Diogo Belo, como vogais.

No 1.º trimestre de 1981, o Dr. António Belo foi chamado a novas funções na D.R.A.B.I. a que pertencia, deixando, por isso, de prestar a sua colaboração à Comissão Instaladora.

Em 26 de Junho de 1985 foi nomeada vogal da Comissão Instaladora, a Prof.ª Maria Leopoldina Rosa, docente da ESA.

Em 4 de Outubro de 1989 o Eng.º Leonel Magalhães pediu a exoneração por motivo de doença.

Em 20 de Outubro de 1989 foi nomeado para a Comissão Instaladora o Prof. da ESACB, António Manuel Moitinho Nogueira Rodrigues.

Com a publicação dos Estatutos do IPCB, em

9 de Março de 1995 e com a publicação dos Estatutos da ESACB, em 11 de Fevereiro de 1997, iniciou-se o processo de eleição da Escola.

O 1.º Director foi o Prof. João Pedro Várzea Rodrigues (1997 a 2000), seguiu-se o Prof. Doutor José Carlos Dias Duarte Gonçalves (2000 a 2003), em seguida foi eleito o Prof. José Sarreira Tomás Monteiro (2003 a 2006) e, em 2006 foi eleito o actual Director, Prof. Doutor António Manuel Moitinho Nogueira Rodrigues.

A sua proficua actividade traduziu-se no crescimento da ESA, não só em cursos, alunos, docentes, acções de investigação e de apoio à comunidade, mas também na melhoria da qualidade.

Mesmo sem verbas consignadas até Março de 1981, a Comissão Instaladora da ESA começou de imediato a sua actividade: procurando instalações para poder iniciar as aulas o mais depressa possível, encetando negociações para a aquisição de uma quinta para a instalação da ESA, delineando os currículos dos cursos com que ia iniciar a sua actividade, procurando pessoal com vínculo à função pública, elaborando um projecto de orçamento e tudo o que era necessário para poder dar início às aulas o mais cedo possível.

Pelas diligências feitas junto da Direcção Geral do Ensino Superior, foi possível utilizar para aquisição de equipamento um “saldo” de fim do ano do PIDDAC e adquirir, no ultimo dia do ano, a Quinta da Senhora de Mércules com 93ha.

Procurando não ser exaustivo nos pormenores, permito-me chamar a atenção para aspectos da actividade desenvolvida e que repetimos de grande interesse no desenvolvimento da Instituição.

3 No que se refere a infra-estruturas destacamos:

Para além da inicial Quinta da Senhora de Mércules, foram adquiridas algumas propriedades que com ela confinavam, alcançando-se uma área total de 166ha, a cerca de 3km da cidade.

Foi feita a carta de solos e de recursos hídricos de toda a propriedade.

Foram recuperadas e remodeladas todas as construções existentes.

Construíram-se caminhos, vedações, pontões, uma barragem, um posto meteorológico, uma varcaria e um ovil.

Plantaram-se pomares.

Goradas que foram as diligências para arranjar instalações na cidade, fez-se o planeamento e acompanhamento da construção de 2 pavilhões que per-

mitiram o início das aulas, em 1983, pois dispunham de salas de aula, laboratórios, biblioteca e gabinetes.

Foi feita a rede de ligação da electricidade, da água e telefone, a todas as construções. Mais tarde foi instalado um sistema informático, com ligação a todas as construções existentes e ligação ao exterior em banda larga.

Construiu-se um pavilhão para oficinas e salas de aula, bem como estufas, uma das quais, com ambiente controlado. Recentemente foi também construído um picadeiro.

Foi adquirido um rebanho de 300 ovinos, merino da Beira Baixa e 30 vacas leiteiras, da raça Frisea e, posteriormente, um núcleo de caprinos e outro de suínos.

Têm sido feitos vários trabalhos de investigação com estes animais.

Adquirimos à Câmara Municipal, a lixeira da cidade e procedemos à sua limpeza e recuperação com a instalação de um Parque Botânico, devidamente planeado por especialistas, a que se juntou uma zona de viveiros com construções próprias para aulas e equipamento.

Este parque, com uma área de 22 ha, reveste-se de capital importância por diversas razões: constitui uma zona verde, com ecossistema próprio e com uma riqueza botânica notável, constituindo exemplo do que pode ser feito no domínio da recuperação e requalificação de locais ambientalmente degradados de que poucas cidades se poderão orgulhar de possuir; é um local de ensino e investigação para docentes e alunos da ESA que aí têm dado aulas, desenvolvido trabalhos de investigação e o estágio final de curso; tem estado aberto aos mais novos, aproveitando as escolas para levar as crianças, para que vejam a diversidade da flora e fauna existente e criando desde cedo o respeito e apreço pela preservação do meio ambiente. Existe, inclusive, um programa de actividades para crianças e jovens.

O parque tem 6.000 árvores e arbustos de 90 espécies diferentes.

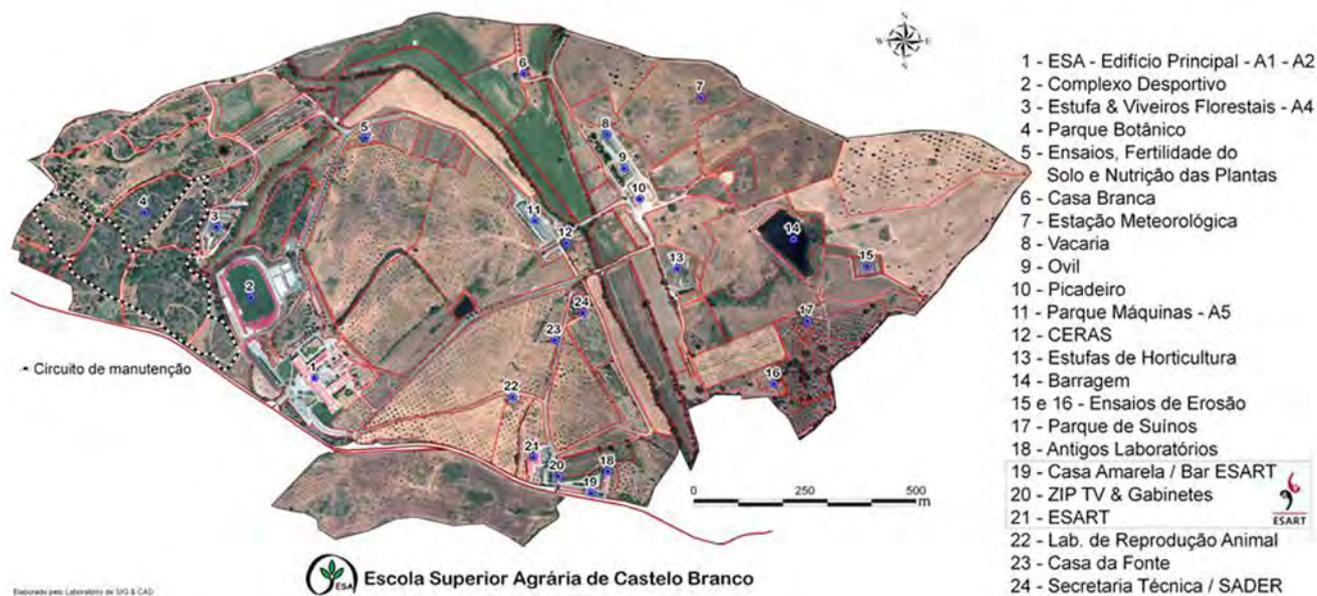
Participamos no planeamento e depois no acompanhamento das construções definitivas que tendo começado no final de 1986, foram inauguradas em Dezembro de 1989.

Elaboramos o programa, que viria a ser aprovado e participado pela EU, para a construção do Centro de Formação Profissional Pós-Graduada da Beira Interior.

Adquiriu-se todo o equipamento considerado indispensável ao normal funcionamento de todos os

Campus da Sra de Mércules

(165,7 hectares)



sectores, desde os laboratórios à maquinaria agrícola.

4 Saliento o apoio que foi dado pelos 6 professores universitários que integraram, desde o início, o Conselho Científico durante vários anos e que contribuíram para a qualidade do ensino e da investigação que a ESA sempre procurou.

5 O recrutamento e formação do pessoal docente, técnico e administrativo foi tarefa difícil dadas as restrições existentes e o enorme percurso burocrático a percorrer.

Apesar do pouco apoio de que a ESA dispôs, para a formação de docentes, a verdade é que, com muito esforço e empenho conseguiu que presentemente 34% do seu corpo docente possua o doutoramento, 61% o mestrado e destes, 44% estejam a completar o doutoramento. Só 3 assistentes têm a licenciatura.

6 No que respeita ao apoio aos alunos, disponibilizaram-se instalações para a Associação de Estudantes e deu-se grande relevo à prática desportiva: 2 campos polivalentes e campo relvado para futebol e rãguebi, pista de 400m de tartan com 6 corredores, e circuito de manutenção.

Apesar de terem sido previstas nas instalações definitivas, um pavilhão e uma piscina e termos construído os respectivos balneários, a sua construção não foi financiada.

Também a componente cultural foi tida em conta.

O anfiteatro foi planeado de modo a poder ser utilizado para os mais diversos espectáculos e na verdade, ao longo dos anos, a actividade cultural foi muito diversificada.

Outros apoios aos alunos estão a cargo dos Serviços Sociais do Instituto Politécnico e, por isso, não irei falar neles, embora os tenha implementado como Presidente do Instituto.

7 O que foi feito ao longo destes anos com os meios humanos e materiais existentes?

É impossível, num trabalho desta índole, descrever toda a actividade desenvolvida.

Recordo que a ESACB foi avaliada institucionalmente em 1999 e de 2002 a 2005, todos os cursos (5) em funcionamento no início do processo de avaliação foram avaliados.

Foram feitos relatórios de auto-avaliação e as comissões externas de avaliação elaboraram também os Relatórios de avaliação de cada curso, que continuam disponíveis na Internet (www.adispor.pt).

Os dados constantes dos Relatórios e os pontos fortes nele assinalados demonstram a qualidade dos meios existentes e o trabalho levado a cabo nos domínios da formação, investigação e apoio à comunidade.

No que respeita ao ensino, salientamos o esforço que tem vindo a ser feito ao longo dos anos com o repensar periódico das estruturas curriculares para acompanhar as alterações legislativas e a criação de novos cursos.

Começando com cursos de bacharelato de 3 anos, disponibilizaram-se Cursos de Estudos Superiores Especializados (CESES) de 3 + 2 anos; em seguida licenciaturas bi-etápicas, depois licenciaturas e mestrados de acordo com o modelo de Bolonha, mestrados em colaboração com universidades e ainda cursos de pós-graduação.

Encontramos, ao longo dos anos, 19 cursos com designação diferente.

Não é despiciente exaltar o esforço feito para conseguir adaptar os currículos a todos estas formações e conseguir preparar as diferentes matérias, disponibilizar bibliografia, acompanhar os alunos nos seus trabalhos e continuar a procurar fazer investigação e apoio ao exterior.

É muito difícil para uma ESA, no interior do país, como a de Castelo Branco, alcançar todos os objectivos definidos.

Lembremos alguns dos condicionalismos com que tem de contar no planeamento das acções a levar a cabo:

- Rápida evolução da ciência e rápida divulgação do conhecimento, o que obriga a uma actualização constante;
- Concorrência a nível nacional e internacional (e-learning). Em Portugal, no corrente ano, há 8 Escolas Superiores Agrárias que oferecem 40 cursos. Se a estes juntarmos os cursos similares professados nas universidades, compreendemos bem o significado do termo concorrência e o manifesto excesso de oferta existente no ensino superior do sector agrário;
- Grave crise da agricultura e reduções drásticas no Ministério da Agricultura a nível de recursos humanos, serviços e financiamento;
- Dificuldades crescentes no financiamento;
- Localização da ESACB em zona do interior, com constante perda de população devido a baixo índice de natalidade mas, especialmente devido à migração para a zona litoral. O I.N.E. afirma que “A geografia da densidade populacional demonstra uma forte concentração da população no litoral do continente, sobretudo no litoral Atlântico, de Viana do Castelo a Setúbal e no litoral Algarvio;
- Maioria das Empresas na zona litoral e, conseqüentemente, maiores possibilidades de emprego nessa zona;
- Atracção dos jovens pelos grandes centros.

Perante as dificuldades sucintamente enunciadas, será pertinente questionar se o objectivo, tantas vezes referido por diferentes Governos, de que é fundamental combater as assimetrias regionais ainda se mantém.

As instituições de ensino superior do interior, não foram consideradas fundamentais para o desenvolvimento das regiões onde estão inseridas?

Que apoios lhes estão a ser concedidos, para poder ultrapassar essas dificuldades?

Creemos que em termos de ensino e com os condicionalismos existentes, a ESACB cumpriu bem o seu objectivo de formação: dos 3600 alunos inscritos pela 1.^a vez, obtiveram o seu diploma 2684 ou seja 74,5% dos matriculados concluíram o curso.

Dos 2 cursos com 64 alunos com que se iniciaram as aulas em Dezembro de 1983, a ESACB oferece, em 2008 / 2009, 5 cursos frequentados por 713 alunos.

A ESACB procurou, desde o início, utilizar os programas europeus de mobilidade para docentes e alunos.

Até 1991 e ao abrigo do Programa Leonardo da Vinci, 101 alunos estagiaram em Instituições de Ensino Superior, de Investigação e em Empresas no estrangeiro.

Foram experiências enriquecedoras que permitiram aos alunos mostrar a sua preparação e empenhamento.

As informações prestadas pelas Entidades onde estagiaram, foram sempre as melhores e algumas traduziram-se em oferta de emprego.

Ao abrigo do ERASMUS frequentaram aulas em Universidades estrangeiras 61 alunos.

Também ao abrigo do ERASMUS a ESACB já recebeu 80 alunos de diversos países.

A ESACB sempre se preocupou com os estágios e inserção profissional dos seus diplomados. Criou, para o efeito, um Gabinete de Apoio e Informação, que publicava um Boletim com informação julgada pertinente para os alunos.

Foi a 1.^a Escola a fazer um inquérito à situação dos diplomados face ao emprego. Num 2.^o inquérito, que abrangeu os anos de 1987 a 1992, os dados obtidos permitiram elaborar uma tese de mestrado de um docente da ESACB.

O Centro de Referência das Comunidades Europeias (CRE) criado no IPCB pela Comissão das Comunidades Europeias, em 1990 ficou instalado na biblioteca da ESACB, até à inauguração das instalações do IPCB.

A ESACB tem disponibilizado alguns dos seus docentes para leccionarem disciplinas no curso de Ciências Agrárias, professado na Universidade de Timor Leste, no âmbito do protocolo entre o IPCB e a Fundação das Universidades Portuguesas (FUP).

8 No que respeita à investigação, recorde que dos fundos nacionais destinados à investigação, poucos contemplam o ensino superior politécnico.

A falta de verbas condiciona a formação de equipas com número significativo de doutorados e por sua vez a inexistência desses centros de investigação reconhecidos, impede o financiamento da investigação, independentemente do valor dos projectos.

No entanto, os docentes são avaliados pela investigação realizada e a sua progressão na carreira depende, em grande parte, dos trabalhos publicados.

Os docentes da ESACB, têm levado a cabo inúmeros trabalhos de investigação, muitos deles apresentados nas teses de doutoramento e mestrados. Muitos dos trabalhos são feitos em colaboração com professores universitários.

Há um número muito significativo de trabalhos publicados em revistas com *referee*, em revistas da especialidade ou de divulgação, em actas de congressos e seminários, no país e no estrangeiro.

Merece uma referência especial, dada a sua importância, o Centro de Estudos de Recursos Naturais, Ambiente e Sociedade (CERNAS). Este Centro, criado em 2002, tem sede nas ESAs de Coimbra e de Castelo Branco. Tem 118 membros, dos quais 58 doutorados e está integrado no Sistema Científico e Tecnológico Nacional. Envolve docentes e investigadores de 8 Instituições de ensino superior.

A lista de trabalhos de investigação é vasta e pode ser consultada no *site* da ESACB. (www.esa.ipcb.pt).

9 A ligação à comunidade tem sido uma constante que sempre acompanhou a actividade da ESACB.

São inúmeros os protocolos e convénios de colaboração com Instituições públicas e privadas que abrangem domínios muito diversificados: ensino, investigação, cursos de formação profissional e de actualização, consultadoria, apoio a contabilidades agrícolas, divulgação de informação através da publicação AGROFORUM, editada pela ESACB, e apoio bibliográfico através da biblioteca.

Os laboratórios de: Biologia vegetal, Microbiologia e Higiene e Sanidade vegetal, Nutrição e Alimentação animal, Protecção vegetal, Química, Solos e fertilidade, têm feito milhares de análises

respondendo às mais diversas solicitações. Também o laboratório de SIG e CAD, criado em 2001, tem prestado apoio à comunidade, no planeamento e ordenamento do território, nos planos directores municipais, nos planos municipais de intervenção florestal, na produção de cartografia digital, entre outras actividades. Também a Estação de referência GPS, presta apoio desde 2001.

A cedência de instalações para os mais variados eventos técnicos (jornadas, congressos, seminários) desportivos e culturais, têm contribuído para a realização desses eventos em Castelo Branco.

Pela importância de que se revestiram, refiro apenas algumas das acções levadas a cabo:

- Membro fundador do Reseau Europeen Inter-Universitaire de Formation des Enseignants Agricoles (REIFEA) e do Instituto de Investigação de Sistemas Agrários;
- Membro fundador da Associação para o Desenvolvimento Integrado da Raia (ADIRA);
- Membro fundador do Instituto de Investigação Agrária da Região Centro (IDARC);
- Criação do Centro de Estudos de Planeamento e Divulgação que funcionou em instalações próprias na ESACB e se destinava a dar apoio aos agricultores, nomeadamente na organização da contabilidade das explorações e orientação técnica;

A ESACB concedeu todas as facilidades para a criação e apoio às aulas dos Cursos Técnicos Profissionais Agrícolas da Escola Secundária, disponibilizando, para o efeito, a sua exploração agro-pecuária e o equipamento necessário.

10- Seguramente muitos outros aspectos poderiam ser abordados na actividade desenvolvida nos 25 anos do começo das aulas e que este ano se comemoram.

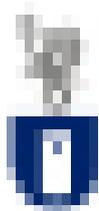
Desde os 2 cursos de bacharelato de produção agrícola e produção animal, com 64 alunos, até hoje, um longo caminho foi percorrido.

As dificuldades foram sendo ultrapassadas, com o esforço de todos e creio que quer nos domínios do ensino, quer no da investigação ou no do apoio à sociedade, o balanço é francamente positivo e por isso estão de parabéns todos os que trabalham e estudam na ESACB.

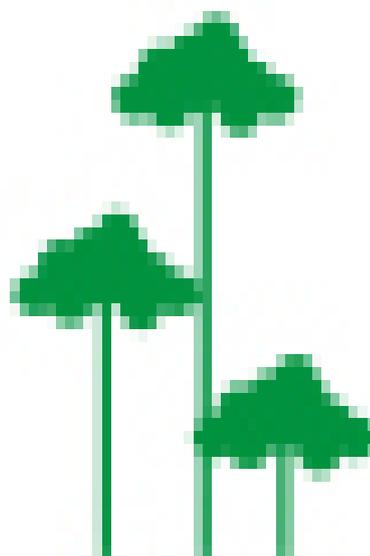
Para a ESACB e para todos os que a ela estão ligados, desejo as maiores felicidades.

30 de Outubro de 2008

¹ Primeiro Presidente da Comissão Instaladora.



Faculdade de Ciências Agrárias e
Florestais



APOIO À COMUNIDADE

PLANTAS AROMÁTICAS E VIVEIRO FLORESTAL

- Venda de Plantas Ornamentais de Interior •
 - Alcanfores • Macis •
 - Albascoas • Trepadeiras • Arvores •

www.eca.ipcb.pt

Escola Superior Agrária

Rua da Mitra de Brancos • Apartado 118 • 3001-901 Coimbra, Portugal
Tel. 234300000 • Fax 234300001 • Email eca@eca.ucp.pt

A CRIAÇÃO LEGISLATIVA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Decreto-Lei n.º 513-T/79

de 26 de Dezembro

A Escola Superior Agrária de Castelo Branco foi criada pelo Dec. Lei n.º 513-T/79 de 26 de Setembro e a sua primeira Comissão Instaladora foi nomeada em 29 de Setembro de 1980, através do despacho n.º 329/80 (DR II Série n.º 225).

1 — O ensino superior politécnico — designação por que passa a ser conhecido o ensino superior de curta duração, criado pelo Decreto-Lei n.º 427-B/77, de 14 de Outubro, com as alterações introduzidas pela Lei n.º 61/78, de 23 de Julho — visa, no essencial, dotar o País com os profissionais de perfil adequado de que este carece para o seu desenvolvimento.

A coexistência do ensino superior politécnico, impregnado de uma tónica vincadamente profissionalizante, com o ensino superior universitário, de características mais conceptuais e teóricas, traduzindo a real diversificação operada no âmbito do sistema do ensino superior, é o resultado de uma opção ditada por razões de eficiência e de adequação daquele sistema à estrutura sócio-económica em que se insere, sem prejuízo, embora, da conveniente articulação entre ambos os referidos tipos de ensino.

O desenvolvimento de todo este programa resultou de estudos cuidadosos, que já se arrastam há cerca de três anos.

2 — Ao ensino superior politécnico, ao qual se pretende conferir uma dignidade idêntica ao universitário, incumbe, em íntima ligação com as actividades produtivas e sociais, formar educadores de infância, professores dos ensinos primário e preparatório e técnicos qualificados nos domínios da tecnologia industrial, da produção agrícola, pecuária e florestal, da saúde e dos serviços, sendo essa formação conferida por escolas superiores de educação e escolas superiores técnicas, respectivamente.

(...)

4 — São também criadas escolas superiores técnicas — cuja designação concreta é função dos domínios de actividade profissional para que estão especialmente vocacionadas — destinadas à formação de técnicos qualificados nos sectores da produção agrícola, pecuária e florestal, da tecnologia dos produtos alimentares e industriais, da gestão e contabilidade, da saúde e do jornalismo.

4.1 — Os cursos de produção poderão cobrir a totalidade do território, tendo em conta as características particulares de cada uma das regiões, justificando-se, qualitativamente — isto é, em termos de diferenciação ecológica, e não quantitativamente, ou seja, apenas com base numa análise das necessidades de mão-de-obra —, as seguintes escolas:

A norte do Douro, duas escolas, uma virada para o tipo de agricultura da zona oeste (litoral), de maior pluviosidade, e outra na zona do Nordeste (a Terra Fria), onde se localizam empreendimentos como o do Cachão.

Uma será localizada em Bragança.

Na zona centro, também se verifica uma separação nítida entre o litoral e o interior. Assim, se no litoral as actuais Escolas de Regentes Agrícolas de Coimbra e Santarém (devidamente reestruturadas) dão uma cobertura adequada, no interior, e tendo em vista empreendimentos como o da Cova da Beira e da Campina da Idanha, justifica-se a criação de uma escola, a localizar em Castelo Branco.

(...)

7 — A instalação dos estabelecimentos de ensino superior politécnico ora criados obedece a um calendário que prevê o arranque dos primeiros cursos já no ano de 1980 e dos últimos em 1984 com o seguinte faseamento:

1980:

Escolas Superiores de Educação: Beja, Bragança, Castelo Branco, Faro, Leiria, Porto, Viana do Castelo e Vila Real.

Escolas Superiores Técnicas: Aveiro (Gestão e Contabilidade), Coimbra (Tecnologia, Gestão, Contabilidade e Agrária), Faro (Tecnologia e Gestão), Lisboa (Gestão e Contabilidade e Tecnologia), Porto (Gestão e Contabilidade e Tecnologia) e Santarém (Agrária).

1981:

Escolas Superiores de Educação: Coimbra, Guarda, Lisboa, Portalegre, Santarém e Viseu.

Escolas Superiores Técnicas: Bragança (Agrária) e Castelo Branco (Agrária).

(...)

CAPÍTULO II

Dos estabelecimentos de ensino superior politécnico

Art. 5.º São criados os Institutos Politécnicos de:

- a) Beja;
- b) Bragança;
- c) Castelo Branco;
- d) Coimbra;
- e) Furo;
- f) Lisboa;
- g) Porto;
- h) Santarém;
- i) Setúbal;
- j) Viseu.

(...)

Art. 8.º O Instituto Politécnico de Castelo Branco agrupa os seguintes estabelecimentos de ensino:

- a) Escola Superior de Educação;
- b) Escola Superior Agrária.

(...)

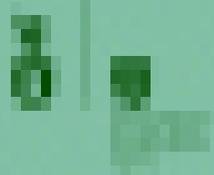
Visto e aprovado em Conselho de Ministro de 9 de Novembro de 1979. — *Maria de Lourdes Ruivo da Silva Matos Pirtasilgo* — *Manuel da Costa Brás* — *António Luciano Pacheco de Sousa Franco* — *Luís Eugénio Caldas Veiga da Cunha*.

Promulgado em 20 de Dezembro de 1979.

Publique-se.

O Presidente da República, ANTÓNIO RAMALHO EANES.

Quinta Sr.ª Mercedes



Qualidade à sua mesa

OS PRIMEIROS DOCENTES DO TRIÊNIO 1983/1987



1 O Início das Aulas

Iniciaram-se as aulas em Dezembro de 1983 com 64 alunos matriculados e distribuídos pelos dois cursos até então aprovados pelo Ministério da Educação: Bacharelato em Produção Agrícola e Bacharelato em Produção Animal.

Para o sucesso deste início de aulas, contava a escola não só com os alunos, mas também com um corpo docente jovem e dinâmico apoiado por um Conselho Científico constituído, na sua maioria, por Professores Catedráticos de outras Instituições de Ensino Superior do País.

Coube a estes Docentes, não só a preparação das matérias a serem leccionadas e a sua docência, mas também a orientação de todos os trabalhos inerentes à exploração da Quinta da Senhora de Mércules, bem como da instalação dos Pomares, Parque de Máquinas, Vacaria, Ovil, Estufas e do Parque Botânico. Procediam também à instalação e manutenção dos laboratórios e em simultâneo desenvolviam os seus trabalhos de investigação.

2 Os Primeiros Docentes

São apresentados, no quadro que se segue, a lista dos docentes que leccionaram durante o primeiro triénio 1983/1987 e ajudaram a levar a bom porto o objectivo dos alunos de alcançarem o grau de bacharel.

Como se pode constatar neste quadro, 15 dos 36 docentes existentes no início (41,7%) continuam a leccionar na ESACB e 23 ainda continuam no ensino superior (66,7%).

Neste quadro pode ainda observar-se a evolução da formação académica ao longo dos anos, bem como as respectivas áreas de especialização.

Nome	Formação Acadêmica	Área de atuação profissional	Entrada na EMBRAPA	Atualmente
Ana Carolina Pires Aguiar de Sá	Mestrado em Estatística	Desenvolvimento, Avaliação e Monitoramento	1992	Unidade de Diversidade
Aurelio Mauro Edson de Figueiredo Rodrigues	1982 - Licenciatura pela Universidade de Toledo Mestrado em Física 1990 - Mestrado (MSc) pela Faculdade de Engenharia de Ilheus 1991 - Doutorado (PhD) pela Universidade de Toledo em Física e Alta Energia	Revisão de documentos, Caracterização, Monitoramento, etc.	1997	EMBRAPA
Aurelio Mauro dos Santos Junior	1985 - Licenciatura pela Instituto Superior de Agronomia 1991 - Mestrado pela Faculdade Superior de Agronomia 2000 - Doutorado em Agronomia - Universidade de Córdoba (Argentina)	Desenvolvimento de cultura, Sistema de cultivo e produção de frutos (macieira), manejo, produtividade e sustentabilidade	1995	EMBRAPA
Aurelio Milton Ribeiro	Doutorado em Engenharia de Alimentos (Universidade de Toronto)		1994	
Carla Regina Pereira de Aguiar	Licenciatura em Medicina Veterinária		1994	Coordenador de Avaliação da Atividade da Unidade Administrativa Práticas
Carla Regina Pereira de Aguiar	1988 - Licenciatura pelo Instituto Superior de Agronomia 1992 - Mestrado pela Faculdade de Ciências 2000 - Doutorado pela Universidad de Córdoba (Argentina)	Tratamento de água, Tratamento de efluentes, Qualidade da Água, Qualidade da Água, Qualidade da Água	1993	EMBRAPA
Carla Regina Pereira de Aguiar	1985 - Licenciatura em Engenharia Química pela Universidade de São Paulo	Revisão de documentos, Avaliação e Monitoramento	1997	EMBRAPA
Carla Regina Pereira de Aguiar	1984 - Licenciatura pelo Instituto Superior de Agronomia 1988 - Pós-graduação em Engenharia Química pela Faculdade de Engenharia de Ilheus Universidade de Toledo	Tratamento de água, Tratamento de efluentes, Qualidade da Água	1997	EMBRAPA
Carla Regina Pereira de Aguiar	2000 - Pós-graduação em Engenharia Química pela Faculdade de Engenharia de Ilheus			

Nome	Formação Académica	Área de especialização	Entrada na ESACR	Atualmente
Dina Pereira				
Terapeuta Maria Grácia Delgado Ferreira de Sousa	1986 - Licenciada em Engenharia Agronómica - Curso Agro-Zootécia - Instituto Superior de Agronomia Universidade Técnica de Lisboa 1994 - Mestrado em Produção Vegetal - Instituto Superior de Agronomia-Universidade Técnica de Lisboa	Plantas ornamentais e Medicinalis, Plantas Ornamentais (Práticas), Propagação sexual e vegetativa, Ecologia, morfologia e taxonomia, fisiologia, metabolismo secundários, conservação e utilização de espécies de interesse regional	1997	ESVOD
Filipe Alberto Marques da Silva Almeida	1981 - Licenciada em Engenharia Zootécnica - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro 1990 - Mestrado em Produção Animal - Faculdade de Medicina Veterinária Universidade Técnica de Lisboa		1994	ESVCE
Filomena Pinto de Rocha	Licenciada em Química pela Universidade Técnica de Lisboa		1985/2004	
Joaquim de Noronha Góvão Franco Frazão	1982 - Licenciatura pelo Instituto Superior de Agronomia 1990 - Mestrado pelo Instituto Superior Técnico	Hidrologia e cursos hídricos, Dimensionamento e gestão de sistemas industriais de distribuição de água para rega, dimensionamento e gestão de sistemas de rega na parcela.	1995	ESVOD
Isabel Maria Viana Fernandes Ferreira	1974 - Licenciada em Medicina Veterinária - Faculdade de Medicina Veterinária Universidade de Lisboa 1989 - Mestrado em Produção Animal - Faculdade de Medicina Veterinária Universidade Técnica de Lisboa		1982/2008	Retornada

ASSINE, LEIA E DIVULGUE

Agroforum

A SUA REVISTA DE DIVULGAÇÃO AGRÁRIA

Nome	Formação Académica	Área de especialização	Entrada na ESACB	Atualmente
João Carlos de Silva Dias	1983 - Licenciatura em Engenharia Agronómica, curso Agro-Pecuária, pelo Instituto Superior de Agronomia 1987 - Mestrado em Produção Vegetal pelo Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa 1992 - Doutoramento em Engenharia Agronómica pelo Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa 2002 - Agregação em Fitopatologia pela Universidade de Évora	Doenças, Fitopatologia, Fungos, Fungologia	1982/86	ISA
João Pedro Martins da Luz	1984 - Licenciado em Engenharia Agronómica, Técnico Superior em Microbiologia - Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa 1992 - Mestrado em Produção Vegetal - Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa 1997 - Doutor em Engenharia Agronómica / Engenharia Agrícola - Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa / Universidade de Reading (Reino Unido)	Patologia Vegetal, nomeadamente em Micologia e Ecotoxicologia, Fitobacteriologia e Micologia	1985	ESACB
João Pedro Correia Lourenço	1985 - Licenciado em Engenharia Zootécnica - Universidade de Évora 1991 - Mestrado em Produção Animal - Escola Superior de Medicina Veterinária - Universidade Técnica de Lisboa		1986	ESACB
Luís Miguel dos Santos	Licenciado 1985 - Doutor em Engenharia Agronómica pelo Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa	Plantas Aquáticas e Marinhas, Fitopatologia e Tecnologia de Alimentos		Universidade de Évora

DECLARO QUE PRETENDO SER ASSINANTE DA REVISTA **Agroforum** POR 1 ANO (2 NÚMEROS)
A PARTIR DO Nº _____ PARA O EFEITO ENVIO:

CHEQUE Nº _____ S/BANCO _____

NOME: _____ Nº DE CONT.: _____

MORADA _____

ASSINATURA: _____

CONTINENTE E ILHAS - 3 EUROS

Nome	Instituição/Instituições	Área de atuação/Áreas	Entrada em FAO/CI	Situação atual
José Pedro Pereira Figueira de Almeida	1951 - Licenciatura Faculdade Zoológica Universidade de Évora	Análises Microbiológicas Análises Parasitológicas Microbiologia (Bactérias) Microbiologia (Fungos) Microbiologia (Vírus)	1981	FAO/CI
	1955 - Medicina Veterinária Faculdade Veterinária de Medicina Veterinária Universidade Técnica de Lisboa			
	1992 - Doutor em Ciências Ciências - Universidade Técnica de Zoológica (Lisboa) Faculdade de Zoológica Universidade de Évora			
José Fernando Manuel Viana Almeida	Biotecnologia Genética Elevamento genético Genética populacional, genética quantitativa IGA, IGS			Retirado
Luís Fernando Baptista Horta	1977 - Licenciatura pela Faculdade Superior Técnica 1992 - Mestrado pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa	Áreas de atuação: Genética - Melhoramento de ovinos	1984	FAO/CI
Manuel António Lopes Almeida	Elevamento genético		1979	Genética Melhoramento Ovinos
Mário de Castro Mendes Pereira dos Santos	1966 - Licenciatura na Universidade Autónoma - Universidade Nova de Lisboa		1981	FAO/CI
	1976 - Mestrado em Engenharia Biológica - Universidade Nova de Lisboa			
Mário de Lencastre Castro Santiago de Carvalho Mendes do Carmo	1991 - Medicina Veterinária Faculdade Veterinária Superior de Agricultura Universidade Técnica de Lisboa		1981	FAO/CI
	1981 - Licenciatura em Engenharia Agronómica Faculdade Superior de Engenharia Universidade Técnica de Lisboa			
Mário de Castro Santiago Mendes Pereira Almeida	1982 - Licenciatura Faculdade de Engenharia Faculdade Superior de Engenharia Universidade Técnica de Lisboa 1987	Genética de ovinos, Análises genéticas agro- pecuárias	1984	FAO/CI
	1997 - Mestrado em Engenharia Genética, Melhoramento de Ovinos Faculdade Superior de Engenharia de Engenharia Universidade Técnica de Lisboa 2005 - Doutor em Engenharia Agronómica - Universidade de Coimbra (Coimbra)			

Nome	Formação Académica	Área de especialização	Entrada na FSACE	Atualmente
Maria Tereza Ribeiro Cardoso Tronço de Sousa	1982 - Licenciatura em Engenharia Agronómica, especialidade de Agricultura Teral, pelo Instituto Superior de Agronomia 1991 - Mestrado em Engenharia de Recursos e dos Recursos Agrícolas, pelo Instituto Superior de Agronomia 2000 - Doutoramento em Engenharia Agronómica, pelo Instituto Superior de Agronomia	Movimento de água e nutrientes no sistema solo-planta-atmosfera, Sistemas de rega	1982/89	Instituto Superior de Agronomia
Maria Antonina Hiroshido Nazare Gomes	1982 - Licenciatura pelo Instituto Superior de Agronomia 2000 - Mestrado pela Faculdade de Ciências e Tecnologia	Fitoresm. Meteorologia	1982/83	Instituto Superior Agrário de Coimbra
Maria Teregalina Vieira da Rosa	Licenciatura em Agronomia Mestrado em Produção Vegetal		1983	Reformada
Maria Margarida Afonso de Feres Menezes	Mestrado na Faculdade de Letras 2000 - Doutoramento em Línguas e Literaturas pelo Universidade de Lisboa	Línguas e Culturas	1984	ESECR
Miriam Figueira Rebelo	Licenciada em Engenharia Zootécnica pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro		1987/77	Agrupamento Vertical do Pared
Nazila Maria Seguro Gaspar	2004 - Doutoramento em Engenharia Agronómica pelo Universidade Técnica de Lisboa	Fitoresm Vegetal Herbologia	1985/7	USA - Sarzenen
Mamed Rijs	Licenciatura em Engenharia Agronómica - Mestrado em Hidráulica e Recursos Hídricos - Doutoramento em Engenharia Agronómica - Agregação em Hidráulica Geral	Hidráulica		Universidade de Évora
Regina Pereira Neto	Licenciada em Medicina Veterinária pela Faculdade de Ciências		1986	

Nome	Formação Académica	Área de especialização	Entrada na ESACB	Atualmente
Rui Casemiro Loureiro	Licenciado em Engenharia Electrotécnica Instituto Superior Técnico Universidade Técnica de Lisboa		1983	
Maria Teresa Franco de Barros	Licenciada em Engenharia Agronómica pelo Instituto Superior de Agronomia Universidade Técnica de Lisboa		1982	Falecida
Teresa Isabel da Encarnação Sezinando	Licenciada em Engenharia Agronómica pelo Instituto Superior de Agronomia Universidade Técnica de Lisboa		1982	

MESTRADO
GESTÃO AGRO-AMBIENTAL
SOLOS e RESÍDUOS

ESCOLA SUPERIOR DE AGRONOMIA DE LISBOA
 DURAÇÃO DO CURSO - 2 SEMESTRES
 COORDENADOR: JOSÉ PI



Uma ideia para o planeta.



Este projeto foi desenvolvido em parceria com o Instituto de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e o Laboratório de Biotecnologia e Bioinformática (LBB) da UFPA. O projeto foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do Edital de Chamada de Propostas de Inovação em Biotecnologia (CNPq/2007/01/001/0001/2007).

OS PRIMEIROS ALUNOS FORMADOS



1 PRIMEIROS ALUNOS

Inscreveram-se na Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESACB), no 1º ano lectivo 1983/84 64 alunos, dos quais 32 no Bacharelato em Produção Agrícola e 32 no Bacharelato em Produção Animal. Destes, concluíram o curso em 1987 os seguintes 18:

BACHARELATO EM PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Ana Maria de Brito Antunes	actualmente no Ensino secundário
Isabel Maria Rodrigues	actualmente no IPCB-ESA
Leonor Marques Marques	actualmente na EB 23 de Minde
Manuel Agostinho Teixeira Coelho	actualmente na BASF Crop Protection Portugal
Maria do Carmo Maia Oliveira Ribeiro	actualmente no IPCB-ESA
Maria João Ramos Rodrigues	actualmente na EB 2,3 João Pedro de Andrade (Ponte de Sor)
Rui Jorge Martins Rodrigues	actualmente na Bayer Crop Science (Alto Minho)

BACHARELATO EM PRODUÇÃO ANIMAL

Alexandrina P. Antunes Gonçalves Costa	actualmente: Reformada de Prof. ^a do 1º ciclo
António Coelho Marques	actualmente: Empresário - Empresa de Software
Élia Maria Gregório de Sousa	actualmente: Formadora (área de Matemática) - Curso de Formação de Formadores
Jorge Manuel dos Santos Ribeiro	actualmente: Logística de Empresa de produtos Químicos

2. - OS PRIMEIROS RELATÓRIOS DOS TRABALHOS DE FIM DE CURSO, APRESENTADOS EM 1987

ENSAIO COMPARATIVO DE PRODUÇÃO DE DUAS CULTIVARES DE FEIJÃO VERDE (*PHASEOLUS VULGARIS L*) EM ESTUFA.

Ana Maria de Brito Antunes
Produção Agrícola
Relatório de Trabalho de Fim de Curso
CASTELO BRANCO
1987



Introdução

O local onde decorreu o ensaio de feijão verde (*Phaseolus vulgaris L.*) apresenta o clima tipicamente Continental: Invernos frios e chuvosos e Primaveras com temperaturas baixas sendo as geadas frequentes. Assim, torna-se necessário o uso de abrigos, para proteger as plantas destas condições ambientais adversas.

Não existem ainda dados referentes a ensaios de feijão-verde realizados nesta região do País, que nos possam elucidar acerca do comportamento e produção desta espécie.

Utilizaram-se duas cultivares de feijão verde, conhecidas comercialmente, a cultivar Kwintus e a cultivar Bonex, tendo-se acompanhado a cultura desde a sementeira até à colheita, com a finalidade de observar o comportamento das duas cultivares.

O trabalho foi dividido em duas partes distintas, uma relacionada com a cultura do feijão-verde, em geral, servindo de base à segunda, na qual se descreve o ensaio propriamente dito.

Na descrição do ensaio são referidos: Material, Métodos, Observações e Resultados.

Objectivos do Ensaio

O ensaio teve como principal objectivo a observação e comparação do comportamento e da produção de duas cultivares de feijão-verde, em estufa, nas condições climáticas da região de Castelo Branco.

Pretende-se, com o ensaio, avaliar a adaptação do material vegetal ensaiado às condições de Castelo Branco.

ENSAIO COMPARATIVO DE PRODUÇÃO DE TRES CULTIVARES DE MORANGUEIRO (*FRAGARIA X ANA NASSA DUCH.*) AO AR LIVRE NA REGIAO DE CASTELO BRANCO

Isabel Maria Rodrigues
Produção Agrícola
Relatório de Trabalho de Fim de Curso
CASTELO BRANCO
1987



Introdução

Nos últimos, anos, a cultura do morangueiro tem despertado interesse em todo o mundo. A fruta passou a ser reconhecida como indispensável à

alimentação humana, tendo a sua procura aumentado e a produção sofrido um grande crescimento.

De facto, o agradável aroma e o delicioso paladar

destes frutos fazem com que sejam consumidos ao natural, sendo também utilizados em compotas ou para aromatizar múltiplos preparados culinários. Devido às suas características, é ainda considerado um bom fruto para congelar.

Além das aplicações do morango na alimentação, as suas folhas e raízes são ainda utilizadas na cura de inúmeras doenças. O alto teor de vitamina C presente na composição do morango, contribui para a sua crescente procura.

Podemos considerar que esta fruta fornece elementos indispensáveis que devem entrar na composição da alimentação, a fim de se manter uma saúde equilibrada.

Devido à grande procura de morangos, é evidente que só frutos de qualidade conseguem bons preços.

Para que isso seja possível, é necessário além da expansão da área de cultivo, a obtenção de novas cultivares e a utilização de técnicas apropriadas que proporcionem grandes rendimentos e precocidade na produção.

Como trabalho de fim de curso foi proposto o estudo do comportamento em termos de produção de cultivares nas condições verificadas na região de Castelo Branco.

Para atingir este objectivo foi executado um trabalho composto de duas partes distintas e complementares: a primeira em que pela pesquisa bibliográfica se procuram adquirir os fundamentos teóricos que permitam a realização da segunda, o ensaio propriamente dito.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA BIOLOGIA E CONTROLO DA PRAYS OLEAE BERN. NA REGIÃO DE CASTELO BRANCO

Leonor Marquez Marquez

Produção Agrícola

Relatório de Trabalho de Fim de Curso

CASTELO BRANCO

1987



Introdução

São inúmeros os problemas que atingem a Olivicultura moderna, sendo os mais graves a dificuldade de mecanização da colheita, a idade avançada da maioria dos olivais dotados de técnicas de instalação completamente ultrapassadas e constituídos por variedades com fraco interesse comercial, que fazem com que se encare esta cultura com os cuidados que ela efectivamente merece.

Como em toda a parte, o custo de produção do azeite subiu bastante e, conseqüentemente, deixou de poder suportar a concorrência das oleaginosas anuais. Isto teve como resultado a substituição em grande escala do azeite por outros óleos, provocando urna mudança profunda nos hábitos alimentares, de tal modo que o azeite não mais a gordura alimentar predominante nos hábitos da população portuguesa; hoje o seu uso limita-se a alguns pratos tradicionais, saladas e pouco mais.

Tal estado de coisas, agravado por políticas de preço e qualidade, conduziu ao abandono de plantações marginais e mesmo ao arranque de numerosos olivais.

Mau grado estes problemas, a oliveira mantém entre nós, um lugar importante, quer pela área que ocupa (23% da superfície cultivada do país), quer pela nossa localização (o Mediterrâneo é a zona oleícola por excelência - cerca de 98% dos olivais), ocupando Portugal o 7º lugar mundial como produtor de azeite (CRUZ, 1982).

Acreditamos na necessidade urgente duma reconversão profunda dos olivais, no sentido de uma intensificação que leve a considerar a oliveira como urna verdadeira” árvore de fruto, aplicando-lhe todos os avanços da técnica conseguidos em fruticultura. Como complemento a uma adaptação total ou parcial a este modelo, haverá que considerar os cuidados fitossanitários quanto à incidência relativa e comportamento das pragas.

Quando em Setembro, as oliveiras têm enorme queda de frutos ainda verdes, é aparentemente fácil para o lavrador encontrar uma explicação. Atribui-se então a queda da azeitona à seca prolongada ou a calores intensos, aos ataques da mosca (*Dacus oleae* Gmel.) ou ainda à própria maneira de vegetar

da oliveira - se a azeitona cai é porque a árvore não tem reservas nutritivas necessárias para as manter.

Na Primavera, por outro lado, se a floração corre mal e as corolas ficam acumuladas sobre a árvore em grandes massas castanhas ligadas por teias, também o lavrador - desesperado com a má alimpa- atribui a causas meteorológicas ou a outras o insucesso verificado. Culpa então os nevoeiros ou as chuvas, a falta de vento ou a carga excessiva.

Na grande maioria dos casos, porem, o lavrador está completamente enganado. As causas destes estragos podem ser quase sempre atribuídas as lagartas da Traça-da-Azeitona - *Prays oleae* Bern., a qual passa toda a sua vida sobre estas árvores.

Este relatório de trabalho de fim de curso foi orientado no sentido de contribuir para um melhor conhecimento do ciclo biológico da Traça-da-Azeitona na Região de Castelo Branco e no modo de a controlar, dado ser uma zona onde a incidência da praga; bastante acentuada.

Num ano de forte densidade populacional do insecto, a destruição pode afectar praticamente o conjunto da floração.

Por todas estas razões e pela importância que a Olivicultura representa para o país e, da necessidade urgente de ser cada vez mais incentivada e protegida, resolvemos escolher a Traça-da-Azeitona como objecto do nosso estudo.

PROJECTO DE INSTALAÇÃO DA VINHA DA E.S.A.C.B. ESTUDO DOS HÁBITOS DE FRUTIFICAÇÃO DA VIDEIRA

Manuel Agostinho Teixeira Coelho
Produção Agrícola
Relatório de Trabalho de Fim de Curso
CASTELO BRANCO
1987



Nota Introdutória

Este trabalho de estágio será constituído, de acordo com o seu plano de trabalho, por duas partes distintas.

Na primeira, efectuar-se-á a elaboração do projecto de instalação de uma vinha na Quinta da S^a de Mérculos, propriedade da Escola Superior Agrária de Castelo Branco.

Na segunda parte, o trabalho debruçar-se-á so-

bre o estudo dos hábitos de frutificação da videira (fertilidade dos gomos). Este estudo basear-se-á num ensaio efectuado pelos alunos da cadeira de Fruticultura Especial e Viticultura no ano lectivo de 85/86 (incluindo o próprio autor deste trabalho de estágio), numa vinha situada na Quinta da Nave - Fundão - propriedade da S.A.B.E. - Sociedade Agrícola das Beiras.

ALGUNS ASPECTOS FITOSSANITÁRIOS DE MACIEIRAS

Maria do Carmo Maia de Oliveira Ribeiro
PRODUÇÃO AGRÍCOLA
Relatório de Trabalho de Fim de Curso
CASTELO BRANCO
1987



Introdução

Segundo SARAIVA (1972/73), a fenologia aplicada nasceu nos meados do século XVIII, quando Lineu

estabeleceu contacto com naturistas de vários pontos da terra procurando saber quanto distavam entre si

essas diferentes regiões pela análise das datas de determinados fenómenos vegetativos. Com isto, ao fim de um número razoável de anos, Lineu pretendia estabelecer uma carta universal de isofenas que seria importante para o progresso da Botânica, Agronomia e Ecologia.

Ainda segundo aquele autor, estes estudos começaram a despertar interesse e vários cientistas como Morren, no século passado e Fleckinger, neste século, começaram a dedicar-se a este estudo.

Hoje em dia, o estudo da fenologia encontra-se bastante divulgado e, é importante em Agronomia.

Como é do conhecimento, as intervenções a realizar nos pomares, tais como: tratamentos fitossanitários, fertilizações, podas, mondas químicas e manuais, aplicações de reguladores de crescimento e granjeios, estão altamente dependentes da oportunidade com que serão efectuadas. A oportunidade de intervenção

está correlacionada com o estado fisiológico das plantas, com condicionalismos ecológicos e agroclimáticos, grupo de factores que se integram e se manifestam pelos estados fenológicos.

Havendo dados acerca da evolução fisiológica das plantas, poder-se-á:

- Determinar a época para os tratamentos fitossanitários;
- Saber-se a altura em que a árvore é mais sensível ao inimigo;
- Elaborar um programa de intervenção nos pomares;
- Ter-se uma noção da produção que irá haver;
 - Fazer a previsão da época da colheita.

Assim, neste trabalho, caracterizámos os estados fenológicos, isto é, a evolução dos gomos florais de algumas espécies de pomóideas e prunóideas.

ENSAIO COMPARATIVO DE PRODUÇÃO DE DUAS CULTIVARES DE MELÃO (CUCUMIS MELO L.) EFECTUADO SOB ABRIGO NA REGIÃO DE CASTELO BRANCO

Maria João Ramos Rodrigues

Produção Agrícola

Relatório de Trabalho de Fim de Curso

CASTELO BRANCO

1987



O ensaio realizado teve como objectivo o estudo do comportamento e do rendimento de duas cultivares de melão: Harvest King e Rasto.

Para a consumação deste objectivo submetem-se as cultivares atrás referidas, às mesmas condições e às mesmas técnicas culturais, desde a sementeira a colheita. Compararam-se ao longo do seu ciclo vegetativo, com especial incidência no que respeita à produção, aspecto que constituiu o objectivo fundamental do ensaio.

A finalidade foi a determinação da cultivar mais produtiva e que melhor se adapta às condições climáticas da região de Castelo Branco, onde o ensaio decorreu.

É importante deixar explícito que todas as conclusões tiradas ou a tirar neste relatório não são de modo nenhum verdades absolutas, já que se baseia apenas num único ensaio. São no entanto dados com algum significado e a ter em consideração em futuros estudos desta natureza.

Perante o final do trabalho, pode-se procurar

elementos que permitem fazer algumas considerações. Foi neste sentido que se elaboraram quadros, de cuja apreciação poderá concluir-se:

a) PRODUTIVIDADE

Com qualquer das cultivares ensaiadas se obtiveram índices de produção bastante aceitáveis sendo a Rasto que mais se evidenciou com uma produção de 11,41 Kg/m² comparativamente com 9,959 Kg/m² da cultivar Harvest King.

b) PRECOCIDADE

Também no que diz respeito à precocidade, a cultivar Rasto se destacou em relação à Harvest King.

c) PESO MÉDIO DOS FRUTOS

Este aspecto é muito importante, tendo em consideração que os frutos de menores dimensões são mais procurados nos mercados abastecedores e o armazenamento e transporte ficam facilitados.

Aqui a cultivar Harvest King apresentou vantagem relativamente à Rasto pois satisfaz melhor este

requisito, 833 g para 955 g da cultivar Rasto. d) CARACTERÍSTICAS ORGANOLÉPTICAS Qualquer bem comestível é distinguido dos outros pelas suas qualidades organolépticas. As cultivares ensaiadas: produziram frutos doces e apetecíveis, no entanto, a cultivar Rasto destacou-se pelo seu excelente sabor.

Por último e tendo presente o objectivo deste ensaio, resta acrescentar, que as 2 cultivares parecem adaptar-se bem às condições edafoclimáticas da região de Castelo Branco. Em fase da análise dos diferentes factores (PROFUTIVIDADE, PRECOCIDADE, PESO MÉDIO DOS FRUTOS e CARACTERÍSTICAS ORGANOLÉPTICAS) a cultivar Rasto foi a que mais se evidenciou.

FUNCIONAMENTO DE UMA COOPERATIVA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Rui Jorge Martins Rodrigues
Produção Agrícola
Relatório de Trabalho de Fim de Curso
CASTELO BRANCO
1987



Prólogo

Início referindo as motivações que me levaram a escolher para trabalho de fim de curso, a análise de funcionamento da Cooperativa de Prestação de Serviços - Pomares de Montargil, C.R.L. - e a idealização de uma Cooperativa similar mas com possibilidades de se adaptar a um campo mais vasto de qualquer sector da actividade agrícola.

Tudo começou quando, no ano lectivo de 1983/1984, os alunos da Escola Superior Agrária de Castelo Branco dos cursos de Produção Agrícola e de Produção Animal fizeram uma viagem de estudo à Feira Nacional de Agricultura, em Santarém.

Além da visita a tão importante certame objectivo principal da viagem - fizeram-se uma série de “curtas” passagens por explorações agrícolas que, quer pelas estruturas, dimensionamento, orgânica de funcionamento, quer ainda pelas inovações tecnológicas adoptadas, apresentassem grande interesse no sentido de jovens estudantes de ciências agrárias contactarem directamente com a realidade agrícola nacional.

De entre estas saliento a realizada à Cooperativa de Prestação de Serviços - Pomares de Montargil, C.R.L. onde fomos recebidos nos escritórios em Ponte de Sôr pelo Eng^o Prates Canelas que nos falou detalhadamente das razões da sua fundação, constituição, objectivos, evolução, acções já concretizadas e planos futuros.

Logo aí me chamou a atenção não apenas a originalidade, mas principalmente a funcionalidade da organização em que as peças se encontram

perfeitamente ajustadas e sincronizadas para a concretização dos objectivos. A admiração pela teoria deu lugar a espanto quando analisámos o seu funcionamento “in loco” em que não havia qualquer desfazamento com a descrição efectuada na sala de reuniões.

Foi este o primeiro contacto com uma organização agrícola que me despertou grande interesse e entusiasmo.

No ano lectivo seguinte, 1984/1985, já frequentando o 2^o ano (do curso de Produção Agrícola) voltei a integrar um grupo que efectuou uma viagem que englobava a visita a alguns complexos industriais de produção e transformação de produtos agrícolas, a campos de ensaio de pesticidas e novamente à Pomares de Montargil, C.R.L. ..

O entusiasmo cresceu e logo se levantou e questão ao Eng^o Prates Canelas no sentido de aceitar no ano seguinte alunos para efectuarem nesta empresa o seu trabalho de final de curso.

Tal proposta obteve desde logo a máxima aceitação por parte dos dirigentes da Cooperativa, que se colocaram imediatamente ao dispor no sentido de facultar estágios desde que estes apresentassem interesse para a própria organização.

Assim fui forjando os tópicos de um trabalho que me desse o máximo de prazer realizar e que despertasse a atenção das pessoas ligadas aos diversos ramos do sector agrícola no sentido de ser possível ultrapassar determinados obstáculos

através da cooperação assente em organizações estruturalmente fortes e funcionais.

Daí, me tenha proposto estudar o funcionamento da Cooperativa de Prestação de Serviços Pomares de Montargil, C.R.L. e tentar adaptá-lo a outros ramos do sector agrícola.

Já frequentando o 3º ano e após algumas visitas à Cooperativa foram estabelecidos os objectivos do trabalho que terão oportunidade de analisar

em seguida e que, dado o tema, foi orientado pela Eng^a Deolinda Maria Fonseca Alberto docente das cadeiras de Economia Agrícola I do 4º semestre e Economia Agrícola 11 do 52 semestre na Escola Superior Agrária de Castelo Branco e pelo Eng^o Manuel Prates Canelas, principal impulsionador de tão arrojado projecto e que desempenha função importantíssima no seio da organização “Pomares de Montargil, C.R.L.”

EFEITO DA PRÉ-SECAGEM E DO ÁCIDO FÓRMICO NA QUALIDADE DE SILAGENS DE AVEIA E TREMOCILHA

Alexandrina P. A. G. Costa

Produção Animal

Relatório de Trabalho de Fim de Curso

CASTELO BRANCO

1987



Introdução

Se até há alguns anos a produção pecuária no nosso país assentava essencialmente nos pastos naturais (pousios, lameiros, terras incultas) e na palha de cereais, a intensificação da produção animal baseada na crescente procura de produtos animais por uma mercado cada vez mais exigente, levou à produção de pastagens e forragens numa forma mais ordenada do que até então, mas mesmo assim com atraso em relação aos outros países da Europa.

Se a luzerna e o bersim são cultivados desde a Antiguidade a nível mundial, a preocupação pela cultura de outras ervas surge na segunda metade do século XX (Crespo, 1975).

No entanto, em Portugal a divulgação dá-se principalmente a partir de 1965, sobretudo em pastagens de sequeiro onde se admite que nos dez anos seguintes se estabeleceram, só no Alentejo, 40 000ha destes prados (Crespo, 1975).

O aumento das áreas semeadas de pastagens e forragens talvez tenha iniciado uma nova fase na agricultura portuguesa.

A pecuária deve ser desenvolvida no aspecto quantitativo e qualitativo, de molde a eliminar os défices alimentares característicos das zonas mediterrânicas, nomeadamente a nível dos cereais e oleaginosas.

Estes défices têm originado uma distorção na intensificação da produção animal, com consequências de abate de animais mais magros ou demasiado jovens, ou engorda dos animais com cereais importados.

A desorganização dos mercados tem contribuído também para uma menos coerente política de fomento pecuário.

Não podemos deixar de ter em conta as condições edafoclimáticas de cada região e conciliar estas da melhor forma com a produção animal que pretendemos. Assim, a produção de pastagens e forragens no nosso país tem características sazonais intimamente relacionadas com a clima mediterrânico de quase todo o território, o que equivale a afirmar que existem duas estações bem definidas, uma quente e seca bem marcada e outra fria e chuvosa (mas com temperaturas amenas).



Élia Maria Gregório de Sousa

Produção Animal

CASTELO BRANCO

1987

ESTUDO CONTABILÍSTICO E GESTÃO DE UMA EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA

António Coelho Marques
Produção Animal
Relatório de Trabalho de Fim de Curso
CASTELO BRANCO
1987



Introdução

A situação de estagnação e atraso em que se encontra a agricultura Portuguesa é conhecida e sentida por todos.

Como causas mais vulgarmente mencionadas para justificar o referido atraso destacam-se:

- A marginalização e esquecimento a que o sector tem sido votado, por parte, nomeadamente dos poderes públicos
- O acentuado envelhecimento da população activa agrícola;
- O elevado grau de analfabetismo dos empresários agrícolas;
- A deficiente estrutura fundiária, em que, o elevado parcelamento, dificulta grandemente a mecanização do sector;
- A pequena utilização de meios tecnológicos adequados, considerando nomeadamente, a utilização em pequena escala de maquinaria e equipamento e o baixo consumo de sementes seleccionadas e fertilizantes;

- Os reduzidos níveis de investimento como consequência directa da inexistência de atracções financeiras do sector.

A todas estas causas vamos ainda juntar uma de irrefutável interesse, mas que, sempre que se analisa a situação da agricultura portuguesa, ou não é referida, ou o é em segundo plano.

Estamos a referir-nos à inexistência de uma rede nacional de contabilidade e Gestão agrícolas, bem como à deficientíssima organização contabilística das explorações agrícolas.

O presente trabalho tendo por objectivo principal divulgar o sistema de contabilidade Agrícola por Margens Brutas bem como as técnicas de Gestão ao nível da empresa agrícola, é, em nosso entender um pequeno contributo para diminuir a lacuna existente neste campo.

Pelo exposto, pensamos estar plenamente justificado o interesse e validade do tema escolhido para este trabalho.

ESTUDO DE UM APROVEITAMENTO ALTERNATIVO DA CULTURA DA AVEIA

Jorge Manuel dos S. Ribeiro
Produção Animal
Relatório de Trabalho de Fim de Curso
CASTELO BRANCO
1987



O trabalho que apresentamos é o resultado do estágio realizado no domínio da alimentação animal. Mais concretamente, é um estudo sobre uma utilização alternativa da cultura da aveia e a sua influência na produção leiteira de bovinos.

Com a entrada de Portugal nas Comunidades Económicas Europeias, prevêm-se problemas que poderão afectar gravemente o sector da produção leiteira. Alguns terão consequências graves, ao nível

da rentabilidade, sendo de esperar um aumento dos custos de produção, dentro dos moldes em que hoje se realiza a produção de leite. Os custos de alimentação com base em concentrados poderão ser uma das causas. A busca de soluções alternativas a esse maneiço será um campo de experimentação prioritário, neste âmbito que se insere o trabalho realizado.

O trabalho consistiu em estudar por um lado a potencialidade de utilização da aveia em pasto-

reio directo com corte para conservar efectuado posteriormente e por outro lado no efeito dessa

utilização ao nível dos animais e ao nível do valor alimentar da forragem conservada posteriormente.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS PASTAGENS SOB COBERTO DE SOBRO NOS CONCELHOS DE CASTELO BRANCO E IDANHA-A-NOVA

Lídia Rosa Lã Branca Carrilho

Produção Animal

Relatório de Trabalho de Fim de Curso

CASTELO BRANCO

1987



Introdução

Razões políticas, económicas e sociais estiveram na base da incorrecta utilização do solo que ao longo dos anos se foi verificando em Portugal.

A política para a produção de cereais praganosos foi uma das medidas mais recentes (a partir da década de trinta) e que levou não só ao alargamento da área de cultivo destas espécies para terrenos cuja capacidade de uso não era a mais indicada (pequena espessura efectiva, más condições de drenagem e em alguns casos problemas de erosão) (Crespo, 1970), como também ao encurtamento das rotações e redução do tempo de pousio (Almeida e tal., 1976). O resultado: a diminuição da fertilidade, o empobrecimento do solo.

O clima mediterrânico, com grandes variações anuais (principalmente na regularidade da Primavera) fez com que se juntasse a esta degradação do solo (porque as chuvas caem na altura em que as plantas ainda não cresceram de maneira a impedir o arrastamento das partículas mais finas, nomeadamente quando o relevo é acentuado) as baixas produções unitárias (Moreira, 1980).

Paralelamente, a área de pastagens foi reduzida e o gado mantido com erva espontânea dos pousios ou zonas incultas (Crespo, 1976), geralmente de baixa qualidade, palha e restolho (Crespo, 1970). Assim, os encabeçamentos são baixos (Crespo, 1970), as necessidades alimentares dos animais não são satisfeitas e é preciso recorrer à importação de carne (Crespo, 1976).

Em resumo pode dizer-se que os solos estão degradados, a produção agrícola e pecuária é pequena. Por outro lado, as características climáti-

cas de sequeiro mediterrânico obrigam a que, grandes extensões de terra, a forma de restituir a fertilidade destes solos e aumentar as produções seja a reflorestação e a implantação de pastagens (Beliz, 1966; Moreira, 1980).

Estas últimas quando consociadas com a floresta permitem um acréscimo das vantagens: o sistema radicular das árvores, por ser mais profundante, explora camadas de solo inferiores e remove até à superfície as bases que juntamente com a maior percentagem de matéria orgânica, permitirão o aumento da capacidade de troca cationica (Salgueiro, 1966).

Isto verifica-se desde que o coberto arbóreo não constitua um entrave ao desenvolvimento herbáceo. Neste caso estão os montados de sobro (Salgueiro, 1966).

Mas a sementeira de pastagens nem sempre constitui um êxito.

Factores climáticos como a irregular distribuição da precipitação e a formação de geadas, a não desinfestação das parcelas (cardos, estevas, saragaços) ou má execução de pastoreio (falta de oportunidade na altura de passagem dos animais no campo) condicionam a germinação das sementes ou a persistência das espécies semeadas (Potes, 1982).

Por isto se começa a pensar no aproveitamento da floresta espontânea onde algumas espécies existem com considerável valor nutritivo (Potes, 1982). Destas destacam-se alguns trevos, luzernas, serradelas, várias gramíneas bem como espécies do género *Rumex*, *Chamaemelum*, *Crysantemus*, *Carduz* e *Rhapanus* (Potes, 1982).

MANEIO DE OVINOS NO NÚCLEO DA D.R.A.B.L. CURVAS DE CRESCIMENTO DE BORREGOS

Luis Filipe L. J. Loureiro

Produção Animal

Relatório de Trabalho de Fim de Curso

CASTELO BRANCO

1987



Introdução

Com o presente trabalho pretendo dar a conhecer de uma forma simplificada alguns aspectos do maneio praticado na exploração ovina do Tojal Mau e alguns pontos que seriam de modificar nessa exploração em confronto com os dados bibliográficos consultados.

A razão da escolha de uma exploração de ovinos deve-se ao facto de, para além de ter um gosto especial pela espécie, à realidade de ser-

mos agora um país membro do Mercado Comum, Comunidade essa deficitária em carne de ovino, e, porque não, começar realmente a pensar em tal factor e tentar modificar o que se pratica de errado nas explorações pecuárias de ovinos portuguesas, com vista à sua reestruturação tornando-se mais rentáveis sob o ponto de vista económico.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO NÚCLEO BRITISH FRISIAN DO EFECTIVO BOVINO LEITEIRO DA ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE CASTELO BRANCO

Maria de Lurdes Espadinha Esteves

Produção Animal

Relatório de Trabalho de Fim de Curso

CASTELO BRANCO

1987



“A exploração de gado bovino leiteiro é uma actividade economicamente motivada pelo lucro” (Mhittemore, 79). Mas, a “responsabilidade” desta actividade pecuária surge do modo como se gera o efectivo bovino. São fundamentais determinados factores, que se englobam em linhas gerais num adequado maneio reprodutivo, alimentar e profiláctico, para se conseguir otimizar o tempo útil da vida produtiva deste tipo de animais.

E óbvio que o estudo de um efectivo como o abordado (núcleo de bovino leiteiro British Frisian da Escola Superior Agrária de Castelo Branco) existem factores que não devem ser considerados uma vez que se trata de um efectivo nas denominadas condições ideais de exploração, pelo facto de um dos seus objectivos ser o de transmitir o funcionamento de uma “vacaria modelo” em que no

entanto, os resultados que se visam obter possuam algo de tentativa de aproximação de valores ideais.

Claro que o estudo efectuado, tendo como finalidade, levar ao conhecimento de possíveis interessados, e numa tentativa de exposição dos assuntos acessível, do funcionamento de uma vacaria no seu aspecto prático de maneio, só é passível de estudo quando existe um sistema de registos, preferencialmente diários, onde estio inscritos todos os acontecimentos de índole quer reprodutiva, alimentar e sanitária, individualizadas, bem como a actividade produtiva, de grande importância. O efectivo bovino leiteiro da Escola Superior Agrária de Castelo Branco

(ESACB) possui estes registos, que permitiram o estudo presente.

Com base nos registos existentes e seu tratamento procedeu-se a uma tentativa de estudo da situação geral de manejo do efectivo e conseqüentemente sua actividade produtiva com um sentido de análise crítica, obviamente construtiva, da forma como se está a gerir o efectivo estabelecendo-se uma comparação do tratamento de dados efectuado com as situações de manejo e valores produtivos óptimos desejáveis, a tentar atingir nas explorações, ou que constituem os chamados valores padrões de referência.

Quanto a tentativa do estudo económico efectuado no trabalho, relativamente ao modo como se está a processar a exploração do efectivo, teve como objectivo, embora ciente do quanto se encontra aquém de um estudo rigoroso e muito válido, o expressar de alguns resultados obtidos no trabalho, numa linguagem que presentemente a nível de alguns produtores é a de maior expressão por ser à partida a de mais fácil compreensão pelo maior interesse suscitado.

ALEITAMENTO NATURAL E ARTIFICIAL DE CABRITOS

Maria Leonor Rebelo da Conceição Silva

Produção Animal

Relatório de Trabalho de Fim de Curso

CASTELO BRANCO

1987



Introdução

“A cabra tem direito à solicitude do homem tanto quanto a ovelha, porque o seu proveito não é menor, a sua posteridade é mais numerosa e o seu leite não se esgota”. VIRGILIO, in BUCÓLICAS (séc. I A.C.)

Em tempos recuados, pensa-se que a Península Ibérica estaria coberta de caprinos e que assim se manteve durante muito tempo até que, com o arrolamento de 1870, se apura que, Portugal, com 10,4 cabeças/ha e a Espanha com 9 cabeças/ha, são dos países com maior densidade caprina da Europa, apenas suplantados pela Grécia com 44 cabeças/ha.

Os caprinos, por seu lado, têm estado integrados em sistemas de subsistência onde o seu leite e a sua carne representam uma significativa parte dos suplementos proteicos da dieta humana.

No entanto, a falta de estudos sobre caprinos tem conduzido muito frequentemente a ideia de que a exploração de pequenos ruminantes nem sempre resulta, o que pode estar na base de um certo desaproveitar de tão original espécie.

Na verdade, uma característica predominante da espécie caprina é a sua capacidade de sobrevivência, com recursos naturais e escassos e em condições

agrestes, provavelmente dada a sua grande capacidade para o uso destes recursos.

Apesar de tudo, com os sistemas de exploração, tradicionais e inalteráveis a décadas, ou mesmo séculos, tem sido criada uma imagem, ainda hoje muito marcada, da cabra como um animal devastador, o que levou a sua depreciação e, talvez, a um importante atraso no adquirir de conhecimentos e técnicas que permitissem o seu melhor aproveitamento.

Nos últimos anos, porém, este panorama modificou-se um pouco e, com o melhor conhecimento da espécie e provável que, cada vez mais se venha a prestar mais atenção aproveitando-lhe o muito que nos pode dar.

Em Portugal existem condições excelentes para a exploração caprina, condições estas que, aliadas a um verdadeiro interesse económico - especialmente acentuado com a nossa adesão ao Mercado Comum Europeu, se torna indispensável maximizar e rentabilizar correctamente.

É sabido que, com as nossas características edafoclimáticas, possuímos condições óptimas para a exploração desta espécie pecuária e que, tal como com os ovinos, o escoamento da produção

esta garantido, desde que consigamos produzir em quantidade e qualidade.

E, pois, necessário não descurar todos os conhecimentos que temos vindo a adquirir e não deixar de considerar todas as hipóteses e métodos de exploração.

Assim sendo, são de considerar, não só os sistemas de exploração tradicionais mas, também a exploração intensiva que pode vir a ter a sua importância em determinadas condições.

Estando em curso no Departamento da Estação Zootécnica Nacional, um ensaio sobre a produtividade da raça de caprinos serrana, iniciamos paralelamente o trabalho a seguir apresentado. Este tem

como objectivos principais, comparar dois sistemas de aleitamento de cabritos, o natural e o artificial, verificando efeitos de um e outro sistema no crescimento dos cabritos até ao desmame e o desencadear de processos patológicos, assim como suas implicações no manejo e rentabilidade da exploração.

Durante o ensaio, fizemos, igualmente, observações sobre o comportamento peri-natal das cabras no que respeita às relações mãe-filhos.

A melhor utilização pelos nossos produtores, das novas tecnologias aplicadas à criação animal, irá traduzir-se, temos a certeza, numa melhoria qualitativa da nossa exploração de pequenos ruminantes.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS PASTAGENS SOB COBERTO DE AZINHO NOS CONCELHOS DE CASTELO BRANCO E IDANHA-A-NOVA

Maria Luisa Fernandes Martins Tavares

Produção Animal

Relatório de Trabalho de Fim de Curso

CASTELO BRANCO

1987



Introdução

Conhecedores das dificuldades e necessidades que os nossos ovicultores têm de aproveitar o mais racionalmente possível os seus pastos naturais e também da pobreza destes pastos, fomos levados a aceitar um tema de estágio que de alguma maneira possa contribuir, ainda que modestamente, para que essas necessidades e dificuldades sejam a pouco e pouco superadas.

As dificuldades surgiram logo no início do trabalho, sendo por vezes difíceis de ultrapassar devido à falta de recursos e também de tempo para nos podermos debruçar sobre um tema tão vasto como este.

Contudo sentimos-nos encorajados para efectuar

este estágio, cientes de que este trabalho possa servir de motivação para futuros interessados e porque não para nós próprios.

Este trabalho teve como principais pontos de actuação os concelhos de Castelo Branco e Idanha-a-Nova, pois no Distrito são aqueles em que existe maior representatividade de montados de azinho e mistos.

Elaboramos um inquérito que nos permitiu um levantamento da situação no que respeita à criação de gado ovino nestes dois concelhos bem como a utilização dada pelos criadores de gado aos pastos naturais sob coberto de Azinho.

DINÂMICA DE PASTAGENS DE SEQUEIRO SOB COBERTO DE OLIVAL

Sara Maria Soares Crespo
Produção Animal
Relatório de Trabalho de Fim de Curso
CASTELO BRANCO
1987



Introdução

Existem muitas razões que justificam o interesse das pastagens; a mais decisiva talvez seja que podem constituir o alimento mais económico, completo e racional para os ruminantes (Fraga, 1987).

Para além do valor alimentar da erva dos prados, importa referir outros factores que contribuem para o seu crescente interesse:

- Capacidade para defender o solo contra a erosão;
- Capacidade para incrementar a fertilidade dos terrenos degradados (Davis, 1962; Crofts, 1971; Potes, 1983; vários, 1984).

Nas condições de Portugal continental, cuja área com clima mediterrâneo atinge cerca de 2/3 da sua superfície total, 3 milhões de há são ocupados por pastagens de sequeiro permanentes ou, fazendo parte de rotações (Crespo, 1975).

Castelo Branco foi o local escolhido para a realização do estudo “Dinâmica de Pastagens De Sequeiro Sob Coberto de Olival” cujos resultados poderão conduzir a melhores produções no sector primário.

Esta região possui um clima tipicamente mediterrâneo invernos amenos e chuvosos, verões quentes e secos e primaveras regulares (Moreira, 1980). A utilização do solo é caracterizada pelo subaproveitamento, com culturas anuais cuja produtividade é baixa, e com oliveiras velhas, votados ao abandono o que se reflecte nas suas produções

embora permita a obtenção de uma azeite de elevada qualidade (Trindade, 1984).

A par disto existe também uma precária e ultrapassada produção de ovinos e caprinos.

Há três possíveis soluções para rentabilizar a área ocupada actualmente pelo olival. A primeira consiste na conservação deste olival, nos solos cujas condições o permitam; a segunda, na sua substituição por outras culturas nas áreas onde estas se podem realizar (condições topográficas); a terceira baseia-se em rentabilizar aquelas áreas, através da produção pratense, tirando partido das vantagens, a todos os níveis, da associação coberto arbóreo-vegetação herbácea.

Surge então a necessidade de aumentar e/ou melhorar as produções pecuárias. A resolução desta situação limitante inicia-se na melhoria das pastagens naturais. Esta poderá ser obtida, recorrendo a várias técnicas, nomeadamente:

- Sementeira total ou parcial;
- Fertilização e correcção da acidez dos solos;
- Saneamento de arbustos, cardos, estevas e plantas venenosas;
- Parqueamento de áreas para pastoreio;
- Encabeçamentos ajustados à produção potencial do pasto (vários, 1984; Duthil, 1986).

Este trabalho consiste no estudo de melhoramento das pastagens de sequeiro à base de espécies anuais de ressementeira natural utilizando as duas primeiras técnicas referidas.

SINCRONIZAÇÃO DE CIOS EM OVELHAS SERRA DA ESTRELA PRIMIPARAS NA EPOCA DE COBRIÇÃO MAIO / JUNHO

Teresa Maria da Silva Lemos

Produção Animal

Relatório de Trabalho de Fim de Curso

CASTELO BRANCO

1987



Introdução

Na bacia mediterrânica, os ovinos têm sido explorados essencialmente para a produção de carne e/ou leite, no meio natural e com modos de condução muito diversos.

Nas explorações leiteiras, a produção de carne continua a ser um complemento económico muito importante. Têm-se verificado uma evolução clara da produção leiteira para uma produção mista em qualquer raças leiteiras típicas, Tendo em conta que a produção de borregos é um factor de peso na escolha do sistema de produção na zona mediterrânica, certos parâmetros como o intervalo entre partos e a prolificidade são de uma grande importância económica (Folch e Cognié, 1983).

Existem poucos estudos que caracterizem as raças ovinas portuguesas. Muitos dos trabalhos efectuados, não se encontram publicados, encontrando-se muita informação dispersa, A introdução de raças exóticas, os cruzamentos com as raças autóctones, sem estudos de produtividade, registos, etc.; os cruzamentos dentro das nossas próprias raças, originaram uma situação caótica na definição de raça, a, aptidões e qual idade dos nossos ovinos.

É importante o conhecimento das suas potencialidades, para delas se poder tirar o melhor partido da aplicação de modernas técnicas de manejo e selecção.

As raças ovinas ibéricas, mostram em geral baixas percentagens de partos duplos, o que restringe muito as possibilidades produtivas de um rebanho. Uma elevada prolificidade irá aumentar notavelmente o número de borregos obtidos (Birillo e Alfranca, 1969).

O controle da reprodução é um dos meios para melhorar a produtividade, graças às técnicas existentes hoje em dia que permitem realizar a cobrição precoce das malatas, aumentar a prolificidade, e acelerar os ritmos reprodutivos,

A aplicação destas técnicas realiza-se mais facilmente em jovens fêmeas primaras. Nestas, a sua apli-

cação tem certos condicionalismos que deverão levar o produtor a pensar duas vezes antes de as utilizar:

- Maior dificuldade de aplicação do método (rompimento do hímen, stress, etc.);
- Aproveitamento ou não da produção de leite;
- Maios probabilidades de perda de esponjas;
- Maior probabilidade de ocorrência de problemas higio-sanitários.

Durante cerca de 50 anos, o controle do estro e da fertilidade na ovelha através do emprego de hormonas, foi investigado um pouco por todo o mundo. O facto de a maioria das ovelhas, nos países de grande produção ovina serem reprodutoras sazonais e produzirem geralmente pequenas “ninhadas”, tornou-a alvo das investigações no âmbito reprodutivo.

Existem três famílias de produtos hormonais que são utilizados para a sincronização dos cios:

- Progestagénios - relação hipófise-ovário;
- Prostaglandinas - controle da duração da vida do corpólúteo;
- Hormonas gonadotróficas - factores hormonais que estimulam o crescimento folicular.

De uma maneira geral, tem sido necessário recorrer à associação destes produtos, pois os problemas fisiológicos a resolver são múltiplos dentro de uma mesma população de fêmeas de uma dada espécie, nas mesmas condições de exploração (Mauleon, 1983).

Os progestagénios podem ser aplicados por diversas vias (injecção intramuscular, implantes subcutâneos, esponjas vaginais, oralmente). As prostaglandinas e as hormonas gonadotróficas são administradas por injecção.

Tem havido um avanço enorme na compreensão dos processos reprodutivos da ovelha. No entanto, muita da aplicação potencial destes conhecimentos para a

sincronização dosaios/ovulação e maximização da fertilidade estão ainda nos seus primeiros passos de desenvolvimento infelizmente, muitos dos sistemas que tinham parecido viáveis para os investigadores, não tiveram o sucesso esperado quando testados em larga escala ou em rebanhos comerciais (Cumming, 1979),

Dos muitos trabalhos realizados sobre tratamentos hormonais e jovens fêmeas, os resultados indicam um alto grau de viabilidade na proporção de fêmeas que respondem com sucesso aos tratamentos hormonais; mas no geral, parece ser possível alcançar-se o sucesso quando as borregas estão mais perto do início da actividade sexual, na altura do tratamento (Keane, 1975 b)).

A cobrição precoce das borregas é pouco efectuada entre nós, sendo a maioria das fêmeas cobertas pela primeira vez com a idade de 18 meses, como no estudo efectuado. No entanto, a existência de condições que permitam a cobrição precoce das fêmeas é de toda a importância, de modo a o reduzir o seu período improdutivo ao mínimo, aumentando o rendimento.

Este estudo foi realizado na Estação Zootécnica Nacional, no Departamento de Ovinicultura, na área dos ovinos de leite, integrado no ensaio a decorrer sobre a produtividade da ovelha leiteira Serra da Estrela.

Neste trabalho estudamos o efeito da sincronização dosaios com ou sem PMSG em dois grupos de malatas Serra da Estrela, comparando os resultados de ambos.

O emprego destas técnicas tem sido dificultado por uma série de factores, nomeadamente em Portugal, onde os produtos nem sequer são comercializados, sendo mais uma dificuldade para o criador português proceder à intensificação, da sua exploração. As próprias técnicas deverão ser desenvolvidas de modo a tornar a sua aplicabilidade mais fácil, reduzindo as intervenções nos animais, É também importante ponderar o custo dos produtos face aos resultados pretendidos.

A formação de técnicos vocacionados para a Ovinicultura, a formação e instrução dos criadores e trabalhadores, a identificação dos animais, registos, contrastes leiteiros, a formação de livros genealógicos, associações de criadores, etc., etc., iram permitir todo um trabalho de apuramento das raças, selecção e melhoramento dos efectivos nacionais. Este apoio técnico não será possível por si só, se não houver um apoio financeiro subjacente, de subsídios e créditos que incentivem o agricultor ou futuro agricultor, a pôr em prática as técnicas que lhe permitam rentabilizar a sua exploração.



Visita de estudo a Elvas e Santarém em 10 de Junho de 1984. Alunos dos cursos de Bacharelato em Produção Agrícola e em Produção Animal. Docentes: Prof.ª Teresa Barros, Prof.ª Deolinda Alberto, Prof.ª Teresa Sezinando e Prof. João Carlos Dias.



CELEBRAÇÕES DOS 25 ANOS
DO INÍCIO DAS ACTIVIDADES LECTIVAS
ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE CASTELO BRANCO

13 DE DEZEMBRO DE 2008

Recepção e visita à Quinta Sr.^a de Mércules
e Instalações da ESACB

Abertura Solene das Comemorações

— Almoço —

Sessão de abertura do ano escolar 2008/2009

A primeira aula do ano lectivo de 1983/84
Disciplina de Microbiologia
Professor Vergílio Pinto de Andrade

— Pausa —

Lançamento do Livro
“Escola Superior Agrária de Castelo Branco – O Início”

Intervenção de representantes dos Primeiros Docentes
Dr.^a Maria Edite de Sousa e Dr.^a Maria do Carmo Horta

Intervenção dos primeiros diplomados

Curso de Produção Agrícola:
Maria do Carmo Maia Ribeiro
Curso de Produção Animal:
António Coelho Marques

Homenagem aos primeiros diplomados
Homenagem aos docentes e funcionários
do ano lectivo de 1983/1984.

Momento Musical

Partilha de Bolo de Aniversário

Actuação de Tuna Académica.

A Escola Superior Agrária tem exposições e diversas
actividades planeadas para o preenchimento desse dia.

